



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**MARCELO OPELT XAVIER**

**(depoimento)**

**2015**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA



**Projeto:** Garimpando Memórias

**Número da entrevista:** E-579

**Entrevistado:** Marcelo Opelt Xavier

**Nascimento:** 22/06/1970

**Local da entrevista:** Centro de Memória do Esporte

**Entrevistador:** Alexandre Luz Alves

**Data da entrevista:** 03/07/2015

**Transcrição:** Alexandre Luz Alves

**Copidesque:** Isabela Lisboa Berté

**Pesquisa:** Alexandre Luz Alves

**Revisão Final:** Silvana Vilodre Goellner

**Total de gravação:** 56 minutos e 11 segundos

**Páginas Digitadas:** 19 páginas

**Observações:**

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **Sumário**

Inserção no judô; Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense; Centro Estadual de Treinamento Esportivo; Atletismo; Projeto Social; Inclusão Social; Mulheres no judô; Pessoas com necessidades especiais; Sociedade Ginástica de Porto Alegre; Conselho de *Kodanshas*; Polícia Civil; Brigada Militar; Exército; Vigilância; Contribuição para o judô do Rio Grande do Sul.

Porto Alegre, 03 de julho de 2015. Entrevista com Marcelo Opelt Xavier a cargo do pesquisador Alexandre Luz Alves para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

A.A. – Ola, inicialmente eu gostaria de saber como foi a sua inserção no judô? E se foi a primeira modalidade que o senhor praticou?

M.X. – Eu entrei no judô através da minha mãe, eu tinha um vizinho que fazia judô e eu via ele indo para o judô de quimono e eu: “O que é isso? Onde tu vai com essa roupa branca?”. Naquela época não tinha quimono azul. E ele respondeu: “Eu vou para o judô”. Eu seguia ele para ver onde era e eu pedia para a minha mãe que queria entrar também. Ela dizia: “Se tu for bem, e te comportar tu pode entrar no judô”. Tive que ficar aquele período bem comportado, que meu sonho era entrar no judô, claro, alimentado pela aquela sensação das artes marciais, das lutas que davam na televisão. Tinha um programa, Ultraman<sup>1</sup>, Ultraseven<sup>2</sup>, tudo tinha coisa de luta, naquela época motivava a criançada a lutar, pulava na cama brincando de luta. Minha mãe me colocou no judô, isso foi no final da década de 1970.

A.A. – Que idade o senhor tinha?

M.X. – Eu tinha sete para oito anos e entrei no judô no Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense era um clube tradicional no judô, o professor que tinha na época, que me recebeu foi o *Sensei* Antonio Fontoura<sup>3</sup> e o monitor dele, o auxiliar técnico dele era o Edilson Prola<sup>4</sup>, os dois faixas pretas, porém o Antonio seria o *Sensei* da equipe. Eu comecei lá como faixa branca e me formei faixa preta lá também, então, eu nunca troquei de clube, sempre fui do Grêmio. Iniciei a minha vida competitiva lá e também iniciei lá como professor lá também, quando eu cheguei a faixa preta, na marrom eu já era monitor do professor e já ganhava uma ajuda de custo para ser monitor e quando me formei faixa preta, assinaram minha carteira, que foi a minha primeira carteira assinada . Trabalhei lá por vinte e um anos como funcionário do Grêmio até o dia que eu assumi como coordenador geral do Departamento

---

<sup>1</sup> Série japonesa exibida na década de 60.

<sup>2</sup> Série japonesa exibida na década de 60.

<sup>3</sup> Antonio Augusto Silva da Fontoura.

de Judô, no caso eu era o *Sensei* de lá. Agora advindo da Arena<sup>5</sup> dessas coisas todas acabou sendo fechados todos os departamentos olímpicos do Grêmio foram fechados...

A.A. – Direcionada só para o futebol agora?

M.X. – Agora só futebol! Tu perguntou se eu tinha praticado outras modalidades. Eu pratiquei atletismo no CETE<sup>6</sup>, fui aluno do professor Garcia<sup>7</sup>, atualmente é vereador, eu arremessava peso.

A.A. – Até que idade mais ou menos para trocar pra o judô?

M.X. – Fazia em paralelo, judô era a noite e seis e meia, sete horas e a tarde fazia atletismo.

A.A. – Em que ano foi o início do judô?

M.X. – Em 1978.

A.A. – Na tua visão, como era o judô no Rio Grande do Sul na época em que o senhor iniciou?

M.X. – Nessa época era um judô forte, não tínhamos a tecnologia que nos temos hoje, então tudo era mais no amor e no coração, na garra. Era um judô patrocinado pelos pais, eram os pais que mobilizavam a estrutura do judô, então o *Sensei* organizava a aula e os pais davam o suporte para ele. A organização das trocas de faixa, a organização de tudo que ele precisava. Em nível de competição tinha grandes talentos natos, por que o recurso da preparação física, tecnologia da preparação física, treinamentos inovadores, pesquisa, tina, mas a gente não tinha acesso e não era tão evoluído como é hoje. Algumas coisas que hoje não se faz, antigamente faziam, é a questão de perder peso em véspera de competição, tinha essas questões que a gente suportava. Eu, por exemplo, tive uma ocasião que eu perdi

---

<sup>4</sup> Edilson Prola Filho.

<sup>5</sup> Arena do Grêmio, o novo estádio.

<sup>6</sup> Centro Estadual de Treinamento Esportivo.

oito quilos em um dia, um dia e meio de líquido para poder lutar numa determinada categoria e isso era muito comum. Treinar com saco plástico com moletom, essas coisas se fazia, mas a gente sobreviveu, a gente está ai vivo, talvez a diferença que a gente tenha experimentado um pouco mais da garra do judô. Não que os atletas de hoje não experimentem isso, tinha um tempero a mais relacionado a fibra, a uma coisa mais...

A.A. – Raça, vontade...

M.X. – Talvez seja isso, antigamente a coisa era mais forte, o professor tinha mais autonomia para atuar sobre o aluno. Hoje se o professor for um pouco mais firme com o aluno, o pai já aciona, já vem questionar por que falou alto com o filho, então, é uma coisa muito sensível, então tu deixa. Antes não, antes professor ele insistia para fazer tu melhorar, às vezes ele era firme como se fosse teu pai para fazer tu melhorar, tu aprender a reagir, para tu ter uma capacidade de enfrentamento em relação as adversidades. Então o *Sensei* te colocava em *cash*, naquela época, para ver como tu ia reagir. Hoje eu não vejo isso possível, num primeiro momento não é possível, depois que o teu aluno estiver na faixa verde, roxa, que ele já tem um vínculo de discípulo contigo, ai tu pode ter mais uma liberdade com ele, antes disso, os pais te cercam e não deixam muito tu trabalhar. Coisas boas e coisas ruins tem dos dois lados acho que naquela época era muito válido e assim, o que tem de novo também é válido.

A.A. – Com relação a nível técnico, comparando o Rio Grande do Sul com outros estados, o senhor tem um panorama de como era naquela época?

M.X. – Naquela época era muito difícil, por exemplo, São Paulo era o máximo, tu ir para um campeonato brasileiro, disputar com paulista, ganhar paulista tu é campeão brasileiro se tu ganha de um paulista. Naquela época nos tínhamos alguns atletas que eram excepcionais, por exemplo, Luis Henrique Vilalba era um dos ícones, aí nos tínhamos Edson Prola, Professor Escandiel<sup>7</sup>, o nome dele é Tatuzinho era um exímio lutador. Nós tínhamos atletas que eram muito bons aqui, mas quando iam para campeonatos brasileiros não tinham, talvez um psicológico, uma capacidade psicológica competitiva para sair fora

---

<sup>7</sup> Carlos Alberto Oliveira Garcia.

<sup>8</sup> Wilson Jorge Escandiel.

do estado. Ele era muito bom aqui, mas saía fora do estado não era a mesma pessoa, então nós tínhamos atletas assim. Mas o Rio Grande do Sul ele estava atrás, dificilmente ele se classificava entre os três primeiros do Brasil em campeonatos nacionais. Geralmente era São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, mas Paraná, Santa Catarina, nós íamos bem até, em relação ao sul do país a gente ia bem, mas São Paulo era muito forte, maioria dos atletas de alto nível eram de São Paulo.

A.A. – Ainda no período que o senhor iniciou a sua prática, havia mulheres praticando e competindo judô?

M.X. – Naquela época tinha um clube que era a Stylo, que era coordenada pelo professor César<sup>9</sup>, *Sensei* César que hoje ele não mora mais aqui no estado, ele mora no Chuí e lá tinha uma equipe feminina. Ele tinha lá mais de trinta, quarenta meninas treinando, porém, era só lá. Eventualmente em outros clubes tinha uma ou duas, talvez três e lá no César ele tinha uma equipe feminina completa, uma equipe grande de mulheres fazendo judô. Ele foi o precursor no desenvolvimento do judô feminino aqui no estado, eu digo como equipe. Até há pouco tempo atrás nos tivemos uma reunião e nós conhecemos a primeira mulher faixa preta de judô do Rio Grande do Sul que é a Léa Linhares<sup>10</sup>, isso na década de 1960. Ela não foi aluna do César, mas passou pela equipe do César em alguns momentos. Agora o judô feminino já está despontando, eu, por exemplo, na minha equipe de judô no Instituto Superação<sup>11</sup> eu tenho em média de trinta meninas treinando, coisa que não era uma realidade antes, somente lá na equipe do César.

A.A. – Nesses lugares aonde tinham poucas meninas, como enxergavam a relação mulheres treinando um esporte majoritariamente masculino?

M.X. – Na visão dos pais, na visão das pessoas de fora, não era muito bem visto, sempre teve uma imagem: “Tu vai ficar com o corpo masculinizado, não é bonito uma mulher fazendo judô”. Entre nós professores e atletas a gente levava numa boa, nós treinávamos com elas como se fosse uma pessoa normal, como se fosse um homem ou como se fosse

---

<sup>9</sup> César Hernandes.

<sup>10</sup> Léa Maria Chaves Linhares.

<sup>11</sup> Projeto de inclusão social através do judô desenvolvido no CETE.

uma mulher, enfim, uma pessoa. A gente não tinha esse preconceito, os atletas sempre se relacionaram muito bem com as colegas atletas de judô. A questão toda é mais familiar mesmo, a questão cultural, ainda mais naquela época na década de 1980 até própria inserção da mulher no esporte era difícil. Se tu for analisar as modalidades esportivas, as mulheres começaram a despontar dos anos 1990 para cá em relação ao esporte como um todo, antes disso era muito restrito e se a gente for falar um pouco antes as mulheres eram proibidas de praticar esportes. Então há uma crescente e uma melhora e hoje os pais por causa da mídia está de igual para igual o tema, a Mayra Aguiar<sup>12</sup> que é a nossa ícone.

A.A. – O que significa ser *Kodansha*<sup>13</sup>?

M.X. – Ser *Kodansha* significa dentro da tradução é ser representante da *Kodokan*<sup>14</sup> no mundo inteiro. Para mim, Marcelo Xavier, significa uma nova fase, não é o fim, não é o meio é o início de uma nova fase. Eu tive a minha iniciação na faixa branca, passei por essa fase, tive uma iniciação quando fui promovido a faixa preta, passei por essa fase e agora estou sendo iniciado num outro segmento que é dos *Kodanshas* aonde estou aprendendo e começando a aprender. A gente começa a perceber as coisas de forma diferente, a gente começa a pensar mais na sua postura, no desenvolvimento do judô como um todo, a gente começa a pensar mais nas coisas que a gente fez, nos erros e vamos acertar agora. A gente começa a aprender a pensar, a filosofar o judô, basicamente, sendo objetivo aquilo que eu te disse, ser *Kodansha* para mim é o início de uma nova fase no judô, eu estou começando a aprender o judô de novo, é o início de tudo para mim.

A.A. – Como aconteceu o processo e em que ano você se tornou *Kodansha* ?

M.X. – O processo para se tornar *Kodansha* é um processo árduo, por que tu passa pelo crivo de várias lideranças até aprovar o teu currículo, passa pelo crivo da Federação Gaúcha de Judô, vai para uma Comissão Nacional de Judô que são professores, mestres de alto grau e teu nome vai circulando nesse ambiente até que eles avalizam a tua promoção.

---

<sup>12</sup> Mayra Aguiar da Silva.

<sup>13</sup> *Kodansha* é a nomenclatura dada aos judocas que atingem o sexto grau (Dan) da faixa preta, modificando desta forma a cor da faixa para branca e vermelha, rajada.

<sup>14</sup> Primeira escola de judô, fundada em 1882 por Jigoro Kano.

Eu fui promovido a *Kodansha* em dezembro de 2014, treze de dezembro de 2014, e eu fui promovido a faixa preta no dia treze de dezembro de 1988.

A.A. – Coincidência. Teve submissão de currículo?

M.X. – Sim, tive que apresentar currículo, apresentei em duas ocasiões, tinha que ter um tempo de carência, eu fiquei dez anos como quinto *Dan*. Depois tinha que ter uma idade mínima para poder ser promovido...

A.A. – A idade também é um critério?

M.X. – A idade também é um critério, então tu pode ter a carência, mas se não tem idade tu não apresenta o teu currículo. E a força política e a vontade do meu presidente da Federação Gaúcha de Judô, o Carlos Eurico<sup>15</sup> somando os méritos, os trabalhos que eu fiz nesses anos todos dedicados exclusivamente ao judô, eu nunca sai do judô, eu só fiz judô na minha vida.

A.A. – Comente as demandas do Conselho de *Kodanshas*, você desempenha alguma função específica no Conselho?

M.X. – Eu sou secretário, eu levo as pautas lá para o Conselho, organizo as atas, faço toda aquela situação de assessorar o presidente do Conselho dos *Kodanshas* que hoje é o *Sensei* Cid Correa Junior. As atribuições do Conselho de *Kodanshas* é discutir sobre a disciplina do judô, discutir sobre a ética dos professores, é discutir sobre o código de ética dos profissionais de judô, atender as demandas do presidente. Alguma coisa que ele acha que o Conselho deva aconselha-lo, ou deva criar algum expediente para que ele assessoro, o Conselho está à disposição. Então, o Conselho de *Kodanshas* ele avaliza e dá segurança para o presidente numa situação que ele ache necessário ter o apoio do Conselho, eu acho que dá muita força para o presidente da Federação Gaúcha de Judô.

---

<sup>15</sup> Carlos Eurico da Luz Pereira.

A.A. – Como foi recebida a inserção de uma mulher no Conselho, existem outras mulheres no estado habilitadas a integrar o Conselho ou em vias de?

M.X. – Em vias sim, elas têm que cumprir as carências, qualidade técnica e sabedoria elas tem, só tem de cumprir essa parte administrativa que é carência, idade, currículo. Organizando isso vão ser promovidas, talvez não para esse ano, nem para o ano que vem, vai ter uns quatro ou cinco anos até ter a próxima *Kodansha*. A nossa colega que é *Kodansha*, a Eliane Pintanel<sup>16</sup>, ela é uma exímia lutadora de judô, dedicada a pesquisa dos *katas*<sup>17</sup>, *nage no katas*<sup>18</sup> e outros *katas* que existe dentro da nossa modalidade. Ela é muito bem recebida, até por que a gente convive a muitos anos, mais de vinte, trinta anos juntos...

A.A. – Já estabeleceram uma relação...

M.X. – Estar junto ou não estar junto é normal, agora se entrar mais uma mulher no Conselho, é uma mulher que a gente conhece há vinte anos, que nós já temos uma relação, é uma relação de amizade também. Depois das reuniões a gente senta, sempre fica conversando, para tomar um chá, faz uma ceia, alguma coisa, então é bem legal. Ela é muito bem aceita e muito ativa dentro do Conselho.

A.A. – O Conselho é uma iniciativa recente, a ideia de organizar o Conselho foi inspirada em outra Federação?

M.X. – O Conselho foi criado na gestão do presidente Carlos Eurico, na primeira gestão do Carlos Eurico juntamente com o vice-presidente Juarez Weinmann<sup>19</sup>. A iniciativa da criação, o mentor da ideia foi o vice-presidente Juarez Weinmann que era para respaldar a presidência em demandas que necessitava de experiência, mais do que técnica também experiência, com o objetivo também de valorizar os *Kodanshas*. Se percebeu ali que tinha os *Kodanshas* e não podemos deixar esse patrimônio histórico do judô sem uma utilidade, sem uma colocação dentro da Federação. O Juarez é muito visionário; vamos criar um

---

<sup>16</sup> Eliane Pintanel Prondzynski.

<sup>17</sup> *Kata* é o conjunto de técnicas e métodos fundamentais de estudo, especial para transmitir a técnica, espírito e a finalidade do judô.

<sup>18</sup> *Nage no kata*, composto por quinze técnicas.

<sup>19</sup> Juarez de Oliveira Weinmann.

Conselho dos *Kodanshas*, aonde a presidência poderá se aconselhar, se respaldar quando a questão a parte da avançar a parte técnica e ir para a parte da experiência, então tu tem um Conselho experiente para te dar aquela dica final.

A.A. – Atualmente tu é *Roku Dan*<sup>20</sup>, tu ainda tem progressão? Como funciona?

M.X. – A graduação é assim, a gente entra no judô e não imagina que vai chegar a preta, quando tu vê é faixa preta, tu quer chegar a preta mas tu não sabe se tu vai chegar, aí tu chega na preta, tu não sabe se vai chegar a vermelha e branca, a *Kodansha*, tu chega a *Kodansha*, a gente não sabe se vai até o décimo *Dan*, se a gente vai viver até lá. Mas as coisas vão acontecendo gradativamente, como a gente tem o judô como, eu tenho o judô como profissão e também como filosofia de vida nesse sentido que eu digo que sou bem sucedido profissionalmente, porque a minha profissão é a minha filosofia de vida, isso não tem preço. As coisas vão acontecendo naturalmente, se eu cumprir as carências estabelecer os critérios a próxima promoção virá e assim sucessivamente. Então a questão assim se eu tenho interesse ou não tenho interesse, as coisas acontecem ao natural que é consequência do trabalho que tu está fazendo naquele momento.

A.A. – Comente a sua trajetória enquanto professor, técnico, árbitro ou outra atuação dentro do judô:

M.X. – Eu iniciei como monitor nos anos 1980. Em 1986 era monitor, faixa marrom do meu *Sensei*, na época o Antonio, *Sensei Osvaldo*<sup>21</sup> também foi meu *Sensei*, *Sensei Fernando Lemos*<sup>22</sup> também, eles me organizaram e o meu primeiro *Sensei* que era o monitor na ocasião o Edilson Prola que me ensinou os primeiros passos do judô. Depois que eu me desenvolvi, fiquei um pouco maior e fui aprendendo, eles me recrutavam para auxiliar eles. Em 1988 eu comecei a dar aula e comecei a ter as minhas próprias turmas, tendo as minhas próprias turmas, em seguida fui levar os meus alunos para as competições, é muito fascinante ensinar o aluno, levar ele para competir, tu acaba pegando essa coisa de competição, tu coloca a tua experiência em cima deles. Teve um momento em que eu

---

<sup>20</sup> 6º *Dan* em judô.

<sup>21</sup> Osvaldo Monteiro dos Santos.

<sup>22</sup> Fernando Machado Lemos.

assumi o Departamento de Judô do Grêmio e criei um projeto social, que é o projeto Sementes do Amanhã, onde além de atender o público que é sócio do Grêmio, pessoas que eram vinculadas ao Grêmio, eu atendia uma população carente de Porto Alegre, ali da Vila Cruzeiro, Cabo Rocha, entre outras vilas ali, Santa Teresa<sup>23</sup>. Isso foi em 1998, no primeiro momento eram cinquenta alunos, depois passou de cem, todos carentes, bem pobres, então, a gente não tinha quimono emprestado, dava quimono para um, dava quimono para outro, acabava tendo alguém que patrocinava um quimono novo para os alunos eles treinavam. Desses alunos aí, hoje ficou uma menina que é faixa preta, esta comigo até hoje, ela trabalhava com o pai dela de material reciclável, de papelaria e hoje ela é faixa preta, dá aula de judô e é acadêmica de Educação Física na SOGIPA<sup>24</sup>, então, ali a gente conseguiu fechar um ciclo. Um outro atleta que veio nessa demanda dos projetos sociais foi o Roberto Silva, que veio de uma comunidade bem carente e com ele nós conquistamos quatro campeonatos brasileiros, uns sete ou oito estaduais, dois Pan-Americanos, um Sul-Americano e ele chegou a ir para um Mundial na Rússia esse foi o atleta mais laureado que eu tive como técnico. Tive outros que foram campeões estaduais, campeão cidadão, terceiro lugar em brasileiro, vice campeão brasileiro, tive outros, mas o Roberto era o expoente, tanto que depois ele foi para a SOGIPA. Chegou um momento que o Roberto estava em um nível tão alto que a SOGIPA acabou tendo interesse nele e a gente articulou essa transferência para o bem dele, que lá ele teria mais condições de evoluir. Como treinador de judô eu tenho esse currículo de ter atletas de nível estadual, atleta de nível nacional, e atleta de nível internacional até Pan-Americano, ele chegou a disputar o Mundial, mas não conseguiu despontar. Depois eu comecei a trabalhar com populações especiais, comecei a dar aula para atletas com deficiência, eu formei o primeiro faixa preta de judô cego do estado do Rio Grande do Sul que é o Hélio Passos. Eu fui o primeiro técnico a levar um atleta surdo para o Campeonato Brasileiro de Surdos, levei dois atletas, um foi vice-campeão brasileiro de surdos e o outro foi terceiro lugar. O Hélio atualmente ele é vice-campeão brasileiro, já foi campeão estadual lutando com quem enxerga, ele já ganhou quatro brasileiros e está pré-classificado para ver se consegue uma vaga nas Paraolimpíadas. O Hélio já foi destaque do estado, já teve reconhecimento do Governo do Estado também e depois eu comecei a trabalhar com pessoas com deficiência intelectual, hoje eu tenho vinte e quatro alunos com deficiência intelectual, então eu tenho alunos com

---

<sup>23</sup> Bairro de Porto Alegre.

<sup>24</sup> Sociedade de Ginástica Porto Alegre.

síndrome de down, autistas, paralisia cerebral e tem um aluno que ele tem deficiência intelectual e é surdo que faz judô com a gente, todos competem, todos tem quimono, trocam de faixa, é um trabalho maravilhoso. Como equipe, a minha equipe foi primeira do estado e umas das poucas no país a ter um grupo exclusivo com deficiência no judô, deficiência intelectual. No estado nós temos o Yves Dupont que foi o primeiro faixa preta down da SOGIPA. Ele foi precursor, mas como equipe fomos nós, que a gente tem uma equipe só de deficientes na qual eles treinam entre eles num horário específico e depois eles treinam com os outros para ter integração, eles não treinam isolados. Em algum momento eu faço treino isolado que é para demandar alguma técnica que precisa aprimorar que fica mais organizado e depois dali eles colocam em pratica com a turma convencional.

A.A. – Esse trabalho é desenvolvido no CETE?

M.X. – Sim. No CETE hoje eu tenho cento e cinquenta alunos, esses alunos juntamente com os deficientes e em torno de trinta e poucas meninas que atende de quatro a cinquenta anos. Tem uma aluna que entrou agora que é down, tem sete anos de idade, eu acredito que seja a down mais nova do estado a fazer judô, comparando. Eu sempre tentei que os professores atendessem essa demanda por que eles fazem parte da nossa sociedade, então eu sempre costumo levantar essa discussão...

A.A. – Era justamente o que eu ia perguntar. Como aconteceu esse contato e a vontade de agregar esse público? Fazer esse público também participar de uma atividade física, o judô...

M.X. – Evidente que isso já é um viés meu, um olhar de buscar integrar as diferenças. O fato de ter visto tanto preconceito, o fato de ser negro e já ter sofrido preconceito, porém hoje tenho uma formação, faço parte de um grupo de formadores de opinião aprendi judô. Então vou tentar devolver um pouco aquilo que eu ganhei para as pessoas que não vão ter chance, se eu que não tenho deficiência, mas tive muita dificuldade de ter alguma ascensão em função de alguma discriminação, de algum preconceito que vieram a ter comigo, mesmo que de forma velada, tu imagina o deficiente. Então, essa indignação acho que ela é salutar para mostrar para as pessoas na pratica que todo mundo é igual, todo mundo tem o seu direito. Só que a gente não pode comparar as pessoas, o que eu tu consegue fazer é o

certo, o teu melhor tem que ser valorizado, eu não preciso comparar o teu melhor com o melhor do outro, são pessoas diferentes. Então essa é a minha visão em relação ao mundo em relação as pessoas. Eu vivi o mundo competitivo, eu competi em todos os níveis que tu pode imaginar, treinei muito, vi muita exclusão, percebi muito preconceito comigo, percebi muitas pessoas com aquele olhar discriminatório. Mas como eu fazia para me sobrepôr a isso era treinar e mostrar o meu melhor, só que eu tinha que mostrar o meu melhor acima de tudo, eu não bastava apenas ser bom eu tinha que ser o melhor para ter um pouco de espaço. Então isso me deu bagagem, me deu garra, me deu ferramentas e munição porque hoje eu consigo perceber coisas que talvez essas pessoas com deficiência não conseguem perceber, então vou tentar ajudar e protegê-las. Não protegê-las de deixá-las ali coitadinhas, não! De protegê-las no sentido de mostrar o caminho, no sentido de vamos lá, tu é capaz. Todos nós temos um poder ilimitado dentro da gente, basta a gente acreditar nele, independente se tu tem alguma deficiência ou alguma dificuldade. Se tu tem alguma deficiência tu tem que investir na tua capacidade de superação, se tu tem alguma dificuldade ou tem dificuldade de aprender, tem dificuldade de concentração, tem dificuldade motora, tem dificuldade de treinar, tem dificuldade de emagrecer, busca o teu poder interior e baseado nisso que eu tento passar para os meus alunos, a independência, que é uma coisa que a gente não abre mão e a busca da superação e o uso do seu poder interior.

A.A. – Gostaria de comentar alguma coisa sobre a tua época de atleta, árbitro...

M.X. – Como atleta eu fui um atleta mediano, fui campeão estadual algumas vezes, fui campeão citadino, eu já fui destaque citadino, já disputei em várias seleções gaúchas, viajei bastante representando o nosso estado. Já tive classificações, já medalhei em campeonatos brasileiros, então, o suficiente para dizer que fui atleta; o suficiente para dizer que já levantei a bandeira do Rio Grande do Sul em eventos nacionais. Participei de alguns eventos internacionais do Mercosul e também me destaquei, sempre tive o nome conceituado como atleta no sentido de que, conceituado não que ele é o melhor, mas respeitado, um nome respeitado: o Marcelo está numa seleção, acho que vai colaborar. Então eu sempre tive essa questão do respeito, treinava forte, gostava de treinar, me dedicava nos dias que não tinha treino para fazer treinos paralelos. Fazia treino físico, musculação, eu gostava muito disso, então fui um atleta que os meus contemporâneos

sabem quem fui eu então quando a gente se encontra dá aquela sensação boa que eles sabem que a gente teve uma trajetória, assim como eu também sei que eles também tiveram. Arbitro eu tive uma passagem rápida pela arbitragem, quando a gente é promovido a faixa preta a gente faz o curso de árbitro e depois tu pode até entrar na carreira no quadro de árbitros da Federação como carreira. Arbitrei algumas competições, mas não segui uma carreira, mas tive uma passagem de uns três anos, eventualmente como árbitro, não como sempre.

A.A. – Cite a sua participação nas Forças Armadas e de Segurança:

M.X. – Nas Forças Armadas eu fui treinador do Comando Militar do Sul por duas ocasiões e disputei os Jogos Marciais do Exército, que são os jogos nacionais do Exército e fui vice-campeão nas duas edições, uma foi em Brasília e a outra foi no Rio de Janeiro. Em 2007 em Brasília e 2013 no Rio de Janeiro. Foi uma experiência sensacional e quando eu fui a Brasília levar a minha equipe do Comando Militar do Sul, que consiste em Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, ai eu faço uma seleção juntando esses três estados e levo para um campeonato nacional onde também os melhores de suas regiões também estarão lá. Para selecionar esses melhores eu tive que fazer uma seletiva aqui no Rio Grande do Sul, uma seletiva em Santa Catarina e uma seletiva no Paraná, depois chamar eles para um treino específico até o embarque para Brasília. Assim também no Rio de Janeiro. Experiência sensacional, comecei a trabalhar no Exército dando curso de defesa pessoal na PE<sup>25</sup>, dando cursos de defesa pessoal no Regimento Osório para o Pelotão Especial do Regimento Osório, que é o PELOPS. Dali eu comecei a dar aula de defesa pessoal de judô na Companhia de Guarda e depois comecei a dar aula no CPOR<sup>26</sup>. A gente foi criando ali um legado como professor de judô, enfim, alguns alunos. Fui indicado para treinar a 6º DE<sup>27</sup> e organizar a competição da 6º DE, que desta competição sairia algumas pessoas para campeonatos nacionais, onde estariam treinando comigo. Fui homenageado pelo Exército por serviços prestados, foi uma homenagem muito bonita, até na época a Yeda<sup>28</sup> era Governadora, até ela estava lá, a gente tem um reconhecimento dentro do Exército muito legal. Eu tenho dois títulos, fui campeão nas competições da 6º DE e também dois vice-

---

<sup>25</sup> Polícia do Exército.

<sup>26</sup> Centro de Preparação de Oficiais da Reserva de Porto Alegre.

<sup>27</sup> 6º Divisão do Exército.

campeonatos nos Jogos Marciais do Exército à frente do Comando Militar do Sul, em duas situações consecutivas. Na área da segurança, em 1993, eu comecei a dar curso de defesa pessoal para vigilantes, judô e defesa pessoal para vigilantes. O vigilante, quando ele vai trabalhar nesse ramo, ele tem que ter um preparatório, uma das matérias era lutas e eu era responsável pelas lutas nessa área. Por baixo, já foi feito um cálculo, já dei aula para mais de cem mil vigilantes na área de defesa pessoal, judô, técnicas de imobilização, chave de braço, defesa de faca, de revólver, arma de fogo. Depois eu criei uma modalidade que a gente chama de armas improvisadas, como tu pode usar uma caneta como arma; depois eu criei o curso de defesa pessoal para executivos, depois eu criei o curso de defesa pessoal para mulheres, onde nós falamos sobre a Lei Maria da Penha, falamos sobre onde ela deve procurar ajuda e quais são os pontos sensíveis, a gente usa um pouco do conhecimento acadêmico, os pontos sensíveis do corpo humano, a gente começa a estudar para que elas aprendam a se defender. Não quer dizer que ela vá bater em uma mulher, mas vai saber sair daquela situação e procurar uma ajuda. Na RUDDER<sup>29</sup> Segurança que comecei e estou até hoje, passei por outras empresas de segurança, enquanto eu dava aula na RUDDER, em alguns horários eu dava aula na MAGNUM<sup>30</sup> e dava aula na PROSEGUR<sup>31</sup>, depois eu deixei essas duas e fiquei só na RUDDER, que ficou muita coisa.

A.A. – Alguma passagem pela Polícia Civil, Polícia Militar?

M.X. – Sim, eu fui professor da Academia de Polícia por dez anos, da CADEPOL, lá eu formei, foi em 1995 que eu entrei lá, mas eu não sou policial, eu fui contratado, professor contratado. Nessa trajetória fiz muito amigos, hoje eu fico orgulhoso de ver os delegados dando entrevista e passaram pela minha mão de alguma maneira, porque eu era o professor deles na época, delegados de polícia, inspetores, escrivães, formei centenas, não sei calcular. A Polícia Civil foi uma escola, ali eu comecei a entender o que é um planejamento, é uma coisa muito interessante...

A.A. – Foi uma troca...

---

<sup>28</sup> Yeda Rorato Crusius.

<sup>29</sup> Empresa que presta serviços de segurança.

<sup>30</sup> Centro de Formação e Aperfeiçoamento de Vigilantes.

M.X. – Foi uma troca, aprendi muito ali, com meus colegas que trabalhavam lá em outras áreas e agradeço a um amigo meu que é o Adriano<sup>32</sup> que me indicou para eu dar aula na Academia de Polícia Civil: “Eu vou levar teu nome lá, estão precisando de professor...”. Ele levou o meu nome, aí apresentei o currículo, foi aceito, um tempo de experiência para ver se gostavam da minha dinâmica, fui indo e fiquei anos lá. Depois também tive uma passagem pela Brigada Militar, também era contrato e eu dava aula de judô, na Escola de Oficiais da Brigada Militar, é o CFO que eles chamavam, agora mudou o nome, mas antigamente se chamava CFO, Curso de Formação de Oficiais. Fiquei dois anos lá dando aula de judô, que era uma disciplina que eles tinham, por exemplo, os alunos oficiais tinham todas as matérias decorrentes da sua profissão que eles estavam almejando, depois eles tinham disciplinas esportivas que eles poderiam escolher entre vôlei, natação, judô, futebol e eu era o responsável pelo judô. Aqueles que gostavam de água iam para a natação, todo mundo tinha que fazer um esporte quando não tinha aula teórica e eu tinha uma turma que gostava o judô e vinha para o judô; tinha o pessoal do futebol, ia para o futebol, claro que o futebol sempre tinha mais gente, mas a gente tinha a nossa turma do judô. Hoje eles são majores, tenente coronel, encontro eles na rua, tem um até que... O Donato<sup>33</sup> que hoje é diretor da Secretaria de Segurança e naquela época era meu aluno, inclusive tem um aluno, voltando a Polícia Civil, tem um aluno meu, delegado hoje ele é diretor do GOE, Grupamento de Operações Especiais. Foi meu aluno, é um orgulho, né? Ver isso. Delegado Bolívar dos Reis Llantada, todas as operações que tu encontrar que entrou todo o grupamento de especiais é comandado por ele, aí pode lembrar de mim também [risos].

A.A. – Você teve participação em alguma etapa de preparação de atletas que formam para os Jogos Olímpicos ou outra competição internacional?

M.X. – Tem o Roberto que é esse meu aluno, ele foi disputar o primeiro Pan-Americano dele foi na Bolívia e tem a questão da altitude, na época eu tive que fazer todo um trabalho físico diferenciado de adaptação. Foi interessante que eu falei com o Paulo Crescente que na época era o meu professor, foi meu professor e é fisiologista: “Pô Crescente, me dá uma

---

<sup>31</sup> Empresa que presta de serviços de segurança.

<sup>32</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>33</sup> Nome sujeito a confirmação.

mão”. E ele: “Faz assim e tal”. E ai aprendi sobre isso, então além de ser o treinador, era como se fosse o *coach*, então, tu tem que pensar em tudo, tem que pensar no psicológico, na parte física, na alimentação, na estrutura, tu não pode deixar teu atleta se preocupar com nada, ele tem que estar feliz, tem que estar só treinando, então, eu cercava e blindava ele. Nós fomos campeões Pan-Americano e ele na ocasião ganhou o título de melhor atleta do evento...

A.A. – O Marcelo era a equipe multidisciplinar...

M.X. – Na verdade eu sou sempre assim, multidisciplinar, sempre inquieto. Tanto é hoje eu sou candidato a conselheiro tutelar, com o objetivo de levar tudo isso que eu te falei para dentro de Conselho Tutelar. A gente chama isso, na qual eu fazia com os meus alunos, com o Roberto como outros, atendimento social proativo e esportivo, tu faz um atendimento social antecipa a situação e insere o esporte nisso, com certeza vai fazer a diferença na vida de alguém. Mas tive essa participação de torneios internacionais, eu almejava o Roberto nas Olimpíadas em 2012, então, eu tinha feito um cálculo, só que ele tinha um problema, ele tinha que ficar mais alto, por que o perfil dos campeões da categoria dele, peso pesado... O Roberto não tinha um metro e oitenta, ele tinha um metro e setenta e oito, setenta e nove e ele já estava naquela ocasião com dezesseis anos. Eu projetando isso: “Se o Roberto passar pelo menos de um e oitenta e cinco, ele está crescendo ainda, mas se ele chegar a um e oitenta e cinco”. Eu estava desconfiado que ele não ia chegar, porque os campeões, ou pelo menos os que chegavam entre os cinco primeiros eles não tinham menos de um e noventa, isso tem muita diferença. Na verdade, o campeão tinha dois metros e dois e o Roberto com um e setenta e poucos e ele não cresceu, ficou difícil...

A.A. – Mesmo com o nível técnico bom a altura foi determinante...

M.X. – Tu imagina o seguinte, ele tem um nível técnico excelente, porém é baixo; o outro que tem dois metros e dois tem um nível técnico também excelente porem com dois metros e dois. Então chega uma hora que essas questões fisiológicas... Eu também sou o cara só que eu sou mais alto [risos], meu braço vai aonde o teu não vai e eu sou tão rápido quanto tu.

A.A. – Comente outros momentos e eventos da sua vida que você destacaria:

M.X. – Momento da minha vida foi quando eu fui o primeiro brasileiro de cegos com o Hélio, o brasileiro de surdos com o Douglas<sup>34</sup> e com o Thiago<sup>35</sup>. O momento em que a Viviane<sup>36</sup> entrou para a faculdade de Educação Física, por que o Instituto Superação que é a ONG que eu criei quando sai do Grêmio, a gente fez uma parceria com a SOGIPA e a gente conseguiu uma bolsa para ela. Ou seja, do judô ela foi para a faculdade, isso é um momento histórico, estou esperando um segundo momento que é a formatura dela, onde eu consigo fechar um ciclo social. Peguei ela catando lixo, coloquei ela no judô, agora ela está na faculdade, depois ela vai se formar e agora ela vai sozinha...

A.A. – Oferecer autonomia para as pessoas.

M.X. – Fazer com que elas se sintam capazes, todo mundo fala para ti: “Tu não tem condições, tu não é nada”. Até os amigos falam isso às vezes, mesmo brincando mas falam, cutucando: “Tu é burro, tu é isso, tu é aquilo”. Para quê desfazer das pessoas? Então vamos fazer com que as pessoas se sintam capazes, ensinar a pescar, não dar o peixe; ensinar a pescar, vai fazer com que ela se sinta capaz e corrigindo, e forçando e falando, sempre em cima, eu tive muito trabalho, fui muito criticado trabalhando com projetos sociais, mas eu sempre acredito, sempre vou acreditar que se a gente fizer alguma coisa pelas crianças de hoje, menos a gente vai precisar castigar os homens de amanhã. Então eu estou tentando fazer a minha parte e agora entrando para o Conselho Tutelar fazer tudo isso lá dentro também, depois a gente vai indo até onde a gente tiver condições físicas e capacidade de motivação e motivar os outros. A grande sacada de tu poder fazer a diferença é desenvolver a tua atitude, a tua atitude positiva e a tua atitude proativa, essa capacidade pode ser treinada. Essa capacidade causa impacto nas pessoas, tu acaba sendo motivador, tu desenvolve a tua liderança, sobretudo aprendendo a ouvir os seus liderados que ai tu vai ter uma experiência inimaginável para poder fazer diferença na vida das pessoas, que na qual tu vai fazer diferença na tua vida. Tudo que tu faz de bem volta para

---

<sup>34</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>35</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>36</sup> Nome sujeito a confirmação.

ti, é muito prazeroso transformar positivamente alguma coisa, é muito prazeroso tu plantar uma árvore e a árvore crescer, é muito prazeroso tu ter um filho, ter uma esposa e ela estar grávida e tu ver teu filho nascer, faz parte de ti, é prazeroso também tu pegar uma pessoa que está numa condição não favorável e fazer ela ficar em uma situação favorável e com autonomia como tu falou, é o mesmo prazer. Dentro do cérebro da gente, o nosso corpo desenvolve vários hormônios que nos dão sensação de prazer que faz com que a gente repita isso várias vezes, por isso que o bem faz bem.

A.A. – Com certeza. Como você percebe a mudança do judô ao longo destes anos? Evolução, técnicas...

M.X. – O judô evoluiu demais, nível técnico altíssimo. Aqui nós começamos a despontar no judô em nível internacional através do João Derly<sup>37</sup>. Ele foi o pioneiro a ter destaque mundial. Nós tivemos atletas com destaque internacional, mas em nível absoluto mundial é o João, vai no Japão todo mundo sabe quem é o João, ele é conhecido mundialmente. O João Derly foi um ícone e eu sempre parabenizo o professor dele que é muito comum assim; o João é um atleta em nível olímpico e mundial, mas que idealizado por um professor, por uma família por trás dele. Então esses familiares e o professor que é o Kiko<sup>38</sup>, lá da SOGIPA, estão de parabéns por ter construído esse atleta. O Kiko que pegou ele desde pequeno para ensinar os primeiros passos, a família que acreditou. Eu sempre falo que por trás de um campeão olímpico ou mundial, tem um pai e uma mãe que levou esse filho pela primeira vez lá e que lavou o quimono dele, ficava segurando a mochila enquanto ele fazia aula, pegava ônibus na chuva para levar no horário, acordava ele para não se atrasar para o treino, vai para o banho, amanhã tem aula, tem um pai e uma mãe que faz isso. Acho que a escola, os clubes são responsáveis pelas detecções de talentos, mas a família também, se a família for engajada no esporte, ela vai procurar mais esporte para os filhos e conseqüentemente poderão aparecer mais atletas de alto nível ou não, pelo menos grandes esportistas, com saúde mental e física. Mas a evolução do judô de hoje é sensacional, nós temos a própria Mayra Aguiar que é uma exímia lutadora, ela saiu de uma lesão e já foi campeã mundial, não é qualquer um que consegue. Nível técnico o judô o

---

<sup>37</sup> João Derly de Oliveira Nunes.

<sup>38</sup> Antônio Carlos Pereira.

judô se vale muito da tecnologia científica, testes por computador, a Confederação Brasileira de Judô tem uma estrutura sensacional com patrocínios incríveis, isso era inviável naquela época. Hoje a Confederação Brasileira tem patrocínio da Mizuno, da Sadia, da Infraero, da Gol, então, imagina só quanto que movimenta isso. Os atletas têm tranquilidade financeira para treinar por que eles já estão vinculados a patrocínios máster, com empresas gigantescas, o Bradesco patrocina também, o Itaú patrocina também. Hoje o judô é profissional, naquela época não. Era uma dor para eu ir para São Paulo a minha mãe tinha que comprar a passagem e ela ia junto; eu ficava num hotel, ela em outro. Eu ficava no hotel com a equipe e ela ficava no hotel do lado, mas hoje não; hoje tu vai com uma estrutura, tu tem fisioterapeuta, tu tem médico, tu tem psicólogo do esporte, tu tem fisiologista, tu não tem um treinador só, tu tem vários treinadores. Por exemplo, tu tem treinador geral, que no caso do João seria o Kiko, mas ai tu tem o treinador de técnica de solo, tu tem o treinador estrategista; o treinador estrategista é o que faz o mapeamento dos teus adversários, então tu tem lá, na Europa tu tem três adversários fortes e em outro lugar tu tem outro e o estrategista ele seleciona todas as lutas do teu adversário e tenta mapear todos os pontos fortes e os pontos fracos do teu adversário, depois passa a técnica contigo, não tinha isso antigamente. Tem uma comissão técnica altamente capacitada e profissional, tem a treinadora do grupo feminino também, técnica de solo, grande lutador de solo que é o Moacir Mendes Junior que passa suas técnicas para a turma, para desenvolver as técnicas de *katame waza*<sup>39</sup>. Então hoje o judô, acho que também como os outros esportes, pegando exemplo de outros esportes, tem que ter um especialista em cada segmento; especialista em técnica de pé, estrategista, um psicólogo, um nutricionista, técnico de solo, preparador físico separado, até o *uke*<sup>40</sup> que é como se fosse o *sparring*<sup>41</sup>, cada atleta tem o seu *uke*, que ele tem que ser compatível com o seu peso, com altura, tudo para ser fidedigno aquele treinamento, se treinar com alguém que não é a realidade da pratica... Isso tudo é científico, é estudo, aquela época era empírico.

A.A. – Comente a sua contribuição para o judô do Rio Grande do Sul:

---

<sup>39</sup> Técnicas de domínio no solo.

<sup>40</sup> Na aplicação de *waza* (técnicas) *tori* é quem aplica a técnica e *uke* é aquele em que a técnica é aplicada.

<sup>41</sup> *Sparring partner*, companheiro de luta.

M.X. – O judô do Rio Grande do Sul que contribuiu comigo. O que eu sou hoje é por causa do judô, não sei o que eu seria hoje se não fosse o judô. Não sei se eu teria forças para enfrentar as dificuldades da vida se não fosse o judô, não sei se eu teria estudado o que eu estudei, ter a minha formação acadêmica, pós-graduação e ter evoluído se não fosse o judô, por que é tudo tão difícil. Então eu devo muito respeito ao judô aos meus professores mais antigos e eu só estou retribuindo um pouco daquilo que eu ganhei do judô, então foi o judô que contribuiu comigo.

A.A. – Tem algo que eu não perguntei e tu gostaria de deixar registrado?

M.X. – Eu gostaria de registrar a iniciativa de vocês, desse trabalho maravilhoso, esse trabalho digno que é o Centro de Memória do Esporte. Acho que a partir daí da para escrever um livro, duas, três edições sobre a história do judô gaúcho e há uma carência dessa literatura. Tem tantos professores que tem muito a contribuir, professores mais antigos que eu até, que vão falar detalhes lá do início do judô. Eu sou uma safra mais nova dos antigos, tem os antigos bem antigos e tem os antigos. Eu sou a safra nova dos antigos, eu sou o mais novo dos antigos. Juntando essa nossa história dá um baita livro, então, eu incentivo que vocês continuem pesquisando e depois disponibilize para nós esse material para a gente fazer talvez workshop, daqui a pouco coloca tudo isso em apresentação nos clubes...

A.A. – É justamente esse o papel do Centro de Memória do Esporte, fazer a pesquisa e disponibilizar no futuro para a pesquisa de todos.

M.X. – Pode ser um grande marco para a gente criar a biblioteca do judô gaúcho, primeiro passo...

A.A. – Está lançada a ideia [risos]. Muito obrigado professor.

M.X. – Obrigado.

[FINAL DA ENTREVISTA]